



O bem viver dos povos indígenas

The good life of indigenous peoples

RAMOS, Melissa Ferreira¹; SILVEIRA, Pedro Sergio da²

1 Universidade Federal de Viçosa, melissa.ramos@ufv.br; 2 Universidade Federal de Viçosa, pedro.sergio@ufv.br.

Seção Temática: Sócio biodiversidade e Território

Resumo: muitos dos povos indígenas originários do nosso país estão há mais de cinco séculos em luta e conflitos constantes em defesa da terra, seu uso e posse, bem como de outros valores humanos que são diferentes dos ideais dominantes. Esse pensamento indígena tem se fortalecido e se expressado através do termo Bem Viver. Pretendemos analisá-lo buscando a compreensão da filosofia de vida dessa parcela da população e suas formas de resistência, através de observação de suas experiências, relatos e de revisão bibliográfica. Concluímos por fim, que os indígenas estão praticando uma contra-hegemonia com potencial emancipatório, podendo gerar bons frutos para a transformação social.

Palavras-chave: povos originários; formas de resistência; potencial emancipatório.

Abstract: many of the original indigenous people of our country are more than five centuries of struggle and conflict set in defense of the land, its use and possession, as well as other human values that are different from the dominant ideals. This indigenous thinking has been strengthened and is expressed by the term Good Life. We intend to analyze it endeavors to understand philosophy of life of this segment of the population and its forms of resistance, through observation of their experiences, reports and literature review. We conclude finally that the Indians are practicing a counter-hegemony with emancipatory potential, which can generate good results for social change.

Keywords: indigenous peoples; forms of resistance; emancipatory potential.

Introdução

A história do nosso país desde a época da invasão europeia é marcada pela exploração dos seres humanos e da natureza, bem como na imagem do indígena e do negro enquanto inferiores, carregada de preconceitos. Seguindo as ideias de Pádua (1987, p. 62) essa exploração predatória que era considerada por alguns como “preço do atraso”, passou a ser considerado no Brasil como “preço do progresso”, ideias de uma sociedade etnocêntrica, que pensa no crescimento econômico através da utilização irresponsável dos recursos naturais, em detrimento do respeito à natureza, à cultura e bem-estar de outros povos.



Essa noção dominante ainda permanece no nosso país e em grande parte do mundo nos dias atuais, e é, de acordo com Printes et al (2012, p. 137) uma ideologia "centrada na busca de crescimento econômico como meta incontestável colocada acima de quaisquer outros objetivos e interesses sociais".

O guarani Sompré (2000) questiona: "Será que nesses 500 anos ainda não entenderam o que significa a terra para nós? Para nós ela não é vista como fonte de lucro, é muito mais que isso, é uma fonte de vida, ela é uma mãe". Vemos então que certos povos originários apresentam uma visão inversa ao que faz a cultura branca dominante, que busca lucro por todo lugar que passa, muitas vezes, sem pensar nos problemas socioambientais que certas práticas podem causar.

Resultados e discussões

Os povos indígenas tem resistido e lutado a séculos por um modo de vida alternativo ao que temos visto prevalecer no nosso país e no mundo, podendo ser consideradas como experiências contra-hegemônicas. Suas lutas podem ser identificadas com as lutas históricas das classes e camadas sociais populares em situação de subordinação, com um potencial emancipatório. Concordamos com o que diz Fendô Kaingang, quando afirma que nos dias de hoje "Nós somos a multiplicação das lutas como a terra multiplica o cereal plantado. Somos a raiz da esperança" (inf. verbal).

Esse processo vêm crescendo e se consolidando, inclusive pelo fato das populações indígenas estarem aumentando quantitativamente no Brasil e conquistando alguns Direitos historicamente negados. Algumas dessas etnias tem visões de mundo próprias, e uma outra noção de "desenvolvimento" relacionada a um **Bem Viver**, diferente da que o Brasil vem adotando.

Diversos autores estão pesquisando sobre esse termo indígena, usado por diversas etnias da América Latina, ou melhor, da *Abya Yala* (denominação do povo Kuna ao continente e que vem se consolidando como alternativa por estes povos). Esta



expressão, em quéchua equatoriano, *Sumak Kawsay*, ou em aimará boliviano, *Suma Qamaña*, traduzidas ao português significam algo como “bem viver” ou “vida em plenitude”, termo este que se relaciona profundamente com a ideia de “terra sem males”, *Yvy Marã ei*, sonhada pelos guaranis que habitaram e ainda resistem nos países do cone sul.

O **Bem Viver**, como explica Pablo Dávalos (2010) visa desconstruir a ideia hegemônica que temos sobre economia, crescimento econômico, a pobreza, entre tantos outros, nos ensinando que a natureza é também sujeito de Direitos, que o bem-estar de cada um depende do bem-estar dos outros e de tudo a sua volta, e que uma sociedade pode chegar a ser bastante tecnológica e produtiva, desde que integre a natureza na sua dinâmica interna, sendo esta reconhecida como uma parte fundamental da socialidade humana.

O pensamento indígena nos possibilita a oportunidade de trabalhar a desconstrução de conceitos já incorporados e impregnados a nossa cultura há tanto tempo que fica difícil pensar além. Seu modo e vida se difere bastante do modo de vida capitalista, inclusive no modo de produção, distribuição e consumo. Muitas etnias possuem terras coletivas, uma relação de equilíbrio com a natureza e uma organização social comunitária e solidária, enfim, características agroecológicas e que se perdem com a cultura individualista e competitiva que nos impõe as amarras do capitalismo. Como lembra uma liderança Xavante “o ser humano tem que aprender com a gente a compartilhar” (inf. verbal), conceito pouco posto em prática no mundo de hoje.

Arkonada nos traz algumas bases desse novo paradigma do bem viver que pode nos ajudar a sair do caos em que vivemos. Ela afirma que até hoje persistem certas formas coloniais e racistas de estruturação do Estado e de dominação por uma minoria, e que temos de pensar em formas de gerar um desenvolvimento harmônico, alternativo ao esquema tradicional, ocidental e moderno de exploração dos recursos naturais, realizando uma verdadeira e necessária descolonização, nos aproximando do Bem Viver, que por sua vez, “não é viver melhor, mas sim viver bem com menos,



reconstruir um pensamento e uma forma de vida mais comunitária, com outras formas de repensar as relações interpessoais e a economia, um equilíbrio entre a cultura e a Mãe Terra” (ARKONADA, 2010, p. 12).

Conclusões

A cada dia torna-se mais verdadeira e próxima a profecia do cacique de Seattle, que em carta de 1855, diz aos não-índios, entre outras coisas, que "Sua ganância empobrecerá a terra e vai deixar atrás de si os desertos"; "Não parece que o homem branco se importe com o ar que respira. Como um moribundo, ele é insensível ao mau cheiro"; e "Tudo quanto fere a terra fere também aos filhos da terra".

Estamos vendo a nossa própria destruição chegar por falta de sentimentos como solidariedade, compaixão, respeito, entre outros. A luta desenfreada pelo acúmulo de capital não mede consequências para alcançar esse fetiche. Com isso, não só mantem-se a desigualdade social como também a exaustão da natureza.

Porém, sabemos que a história é dinâmica e feita pelos seres humanos, consequentemente, podemos transformá-la. Vemos que a medida que cresce a tentativa de manter esse modo de vida, também crescem as tentativas de superá-la. Setores sociais historicamente subalternizados, invisibilizados e deslegitimados pelos “donos do poder” vêm fazendo rupturas no sentido de desocidentalizar e descolonizar o pensamento e as práticas dominantes no mundo.

Desse modo, eles estão problematizando e negando o próprio termo “desenvolvimento”, por não se sentirem contemplados com essa noção ocidental. Portanto, nós, pesquisadores, em conjunto com os diversos sujeitos sociais que estão praticando a contra-hegemonia, temos que reinventar novas categorias de interpretação do mundo a partir dos saberes produzidos no confronto. A agroecologia pode ser peça fundamental nesse processo, ao pautar o reconhecimento, valorização e fortalecimento da nossa sociobiodiversidade, através



da luta por direitos, reconhecimento dos territórios tradicionais e resgate de modos ancestrais de produção e partilha dos frutos da terra, flora e fauna.

Certos de que a mudança só vai ocorrer quando o povo for seu protagonista, reconhecemos que o caminho ainda é difícil e longo, e que derrotas e reviravoltas ainda podem se dar, por outro lado, sabemos que esse modelo social e produtivo que impera em nossa sociedade é insustentável e que existem possibilidades reais de mudanças estruturais, e ainda, que essa ideia aproxima a cada dia mais gente com forte crença na transformação social e ambiental.

Referências bibliográficas:

ARKONADA, Katu. Descolonização e Viver Bem são intrinsecamente ligados. In: Sumak Kawsa, Suma Qamaña, Teko Porã. O Bem-viver. In: **Revista do Instituto Humanitas**. São Leopoldo: Unisinos. v. 340, n. X, 2010.

DÁVALOS, Pablo. Sumak Kawsay: uma forma alternativa de resistência e mobilização. In Sumak Kawsa, Suma Qamaña, Teko Porã. O Bem-viver. In: **Revista do Instituto Humanitas**. São Leopoldo: Unisinos. v. 340, n. X, 2010.

PÁDUA, José Augusto. Natureza e projeto nacional: as origens da ecologia política no Brasil. In: PÁDUA, José Augusto; et. al. (Orgs.). **Ecologia & Política no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1987. p.11-62.

PRINTES, Rafael Biehl, et al. Conflitos socioambientais contemporâneos e o revigoramento "desenvolvimentista": Dilemas envolvendo sobreposições de terras indígenas e unidades de conservação na região metropolitana de Porto Alegre. In: ALMEIDA, Jalcione et al (org). **Contextos Rurais e Agenda Ambiental no Brasil: práticas, políticas, conflitos, interpretações – Dossiê 3**. Belém: Rede de estudos rurais, 2012.

SOMPRÉ, José Urubatan (2000). Um grito preso há 500 anos. In: Coletivo 14 de Setembro. **Questão Indígena no RS**. Santa Maria, RS, 2005.